

# LITERATURA INFANTIL E A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

## CRISTIANA NASCIMENTO PORTUGAL

Graduação em Licenciatura em Matemática pela Faculdade Bandeirante de São Paulo (2010); Professora de Ensino Fundamental II - Matemática - na EMEF Rui Bloem, Professora de Educação Básica – Matemática - na EE Walter Negrelli.



## RESUMO

Não é novidade a segregação, marginalização, escravização que ocorreu durante séculos no Brasil com o povo negro. Historicamente foram colocados à margem da sociedade e essa marginalidade foi sustentada por teorias racistas e fundamento o “Mito da Democracia Racial” durante o século XIX. As relações desiguais entre os direitos da população branca e a população negra, maioria no Brasil exige o resgate dessas desigualdades por meio de ações formativas e políticas afirmativas fruto de lutas e organização dos Movimentos Negros na sociedade civil. A promulgação Lei 10.639/2003 torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, como conteúdos a serem inseridos em todas as disciplinas do currículo escolar. Sendo a educação parte da construção histórica e um direito de todos, cabe às esferas governamentais a garantia de uma educação de qualidade, quanto da inserção no currículo de novas demandas para que tenhamos uma educação antirracista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Africana; Cultura Afrobrasileira; Negros.

## INTRODUÇÃO

A representatividade não depende do outro falar por alguém, mas sim de todos ecoarem suas vozes de forma singular em um espaço coletivo contra a voz do sistema opressor monolítica e estrondosa. O ser humano é um ser múltiplo e se constitui em único, singular, irrepetível.

Vidas negras importam, isso significa dizer que cada vida importa, cada pessoa importa e cada pessoa tem uma voz e essa voz pode e deve falar alguma coisa sobre a negritude que é diferente de todas as outras mesmo compartilhando um mar de memórias.

Continua a se repetir os erros e os equívocos do passado, só que com um agravante que está no fato de ser estruturado sobre uma situação política, econômica profunda e intensa que repercute de forma violenta em dados da exclusão em todo território nacional, sobretudo nas franjas sociais, ou seja, nas minorias mais vulneráveis em que se faz presente de forma maciça o negro.

A repercussão e os efeitos se dão sobretudo na comunidade negra que sempre foi de forma

comunidade afrobrasileira. A política socioeconômica do atual governo ampliou a desigualdade e quem sofre os efeitos devastadores de uma política que não inclui as minorias são os negros que sofrem com as duras consequências de um governo que governa para uma seleta minoria privilegiada.

A nossa sociedade está assentada em cima de valores que são totalmente contraditórios e valores que apresentam muitos equívocos uma vez que não se tem a noção que somos parte de um todo, ou seja, se somos parte de um todo, se somos a expressão e o fruto dessa sociedade humana significa que precisamos estender as mãos, significa que nós precisamos auxiliar nosso próximo que nada mais é do alguém que vem a nos de formas misteriosas por estar passando por uma situação difícil, uma situação bastante complicada e que exige de nós apoio, acolhida, guarida por causa de nossa capacidade de solidariedade frente ao sofrimento do(a) outro(a).

Vivemos um individualismo extremo e o que percebemos que o que importa é primeiro “eu”, segundo “eu” e terceiro “eu”, isso dificulta qualquer ação solidária, qualquer forma de compadecimento frente ao sofrimento do outro.

A desigualdade racial que vivemos é fruto de sequelas e das mazelas que vivemos na escravidão que tivemos em nosso país. Ninguém quer doar, ninguém quer compartilhar, ninguém quer repartir e não há interesse e vontade política para se resolver os graves problemas que enfrentamos em nosso país, uma vez se quiséssemos de fato resolver esses problemas a desigualdade racial não existiria mais, em nossas relações uma vez que a maioria da população é negra.

O Brasil precisa enfrentar o debate racial como se deve, isso se deve ao fato que é muito difícil ser negro e negra em um país que ainda insiste no mito da democracia racial que ainda insiste em colocar como violento quem se põe contra o sistema que é violento, é um país que tem a lógica Casa Grande e Senzala muito arraigada e enraizada com totais possibilidades de outro tipo de existência que não seja a da norma, a da regra, restituindo as humanidades negadas e deixar que população negra seja vista por meio de sua negritude e do seu axé.

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico a partir da temática sobre o ensino de história afrobrasileira na Escola e todas as possibilidades que isso representa em um universo que está imerso de negros e negras, mas que quem determina o que se pode ou não fazer é uma elite branca, jocosa que discrimina, segrega e que não vê o outro como humano ser.

## **LITERATURA INFANTIL E A CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA**

A Literatura Infantil começa a aparecer no Brasil no final do século XIX, período em que as primeiras obras infantis vieram para atender as necessidades da burguesia branca, tomando para si os clássicos europeus.

Em 1975 a Literatura começa a ser comprometida com outra representação da vida social

brasileira, mais tarde foram aparecendo as primeiras obras que hoje são estudadas como Literatura Africana e Literatura Afrobrasileira.

Entre as instâncias responsáveis pelo endosso do caráter literário de obras que aspiram ao status de literatura, a escola é fundamental. A escola é a instituição que há mais tempo e com maior eficiência tem cumprido o papel de avaliadora e de fiadora do que é literatura. Ela é uma das maiores responsáveis pela sacralização ou pela desqualificação de obras e de autores. Ela desfruta de grande poder de censura estética - exercida em nome do bom gosto - sobre a produção literária (LAJOLO, 2001, p. 19).

É importante salientar que a presença de personagens negras é sempre mediada por esse distanciamento racial que de modo geral produz estereótipos, estamos nos referindo ao caso dos personagens negros de Monteiro Lobato (2005), por exemplo, quando pensamos na obra do Sítio do Pica-Pau Amarelo retratadas como serviçais, sem família e aptos a malandragem como um fator biológico natural como é o caso do Saci-Pererê, Tia Anastácia e o Tio Barnabé (LOBATO, 2004).

Levando em conta que a formação da identidade da criança emprega processos de reflexão, observação e por meio de trocas entre o indivíduo e meio em que está estabelecido, os referenciais que a criança tem influenciam diretamente nessa construção como por exemplo, brinquedo, personagens de filmes, desenhos e históricas. A Literatura infantil se torna ferramenta de construção e informação da identidade e pertencimento da criança negra.

Reconhecemos que a literatura é de vital importância para os seres humanos uma vez que por intermédio da arte literária, os homens estabelecem vínculos, por meio da literatura e do ato de ler e ouvir histórias as crianças são habilitadas a expandir seu campo de conhecimento tanto na língua escrita quanto na oralidade.

[...] é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

Reconhecendo toda a importância que o papel da literatura carrega trazemos para a nossa reflexão o branqueamento da literatura infantil que é uma ideia introjetada que apenas valoriza personagens e culturas de pessoas brancas e europeias ao serem apresentadas a este contexto como único possível, crianças negras tendem a rejeitar qualquer coisa que assemelhem ao universo de pessoas negras.

Contos populares de tradição africana e afrobrasileira são importantes e significativos como uma forma de preservação da memória e da tradição. Religiões de matriz africana trazidas em livros infantis podem se transformar em um importante instrumento para o combate da intolerância religiosa que vivemos na atualidade em nossas relações que estabelecemos nos vários segmentos da sociedade.

É preciso ter cuidado com os estereótipos saturados com personagens negros apresentados para as crianças. Como este negro está sendo apresentado? Qual papel que ele ocupa na história? Esse é um papel relacionado ao bem ou ao mal? É de fundamental importância o cuidado com esse olhar.

## O PAPEL DA ESCOLA ANTIRRACISTA

Baseados nos conceitos de uma educação antirracista é papel da escola refletir a maneira como as literaturas que abraçam a cultura africana e permeiam o universo das bibliotecas e das salas de aula.

As escolas e seus currículos são territórios de produção, circulação, conciliação de significados e configuram espaços privilegiados de concretização da política de identidade para a valorização da diversidade.

É de extrema importância a presença de literatura africana e afrobrasileira em um currículo que preze pela diversidade. Para além da escolha com um currículo comprometido com a diversidade é importante ressaltar que o ensino de história e culturas afrobrasileiras é garantido pela Lei Nº 10.639/2003.

A grande maioria da população brasileira que é negra e, conseqüentemente, enfrenta essa realidade dentro das Escolas e que não se pode ser deixada de lado, há que se criar espaços para que essas questões sejam discutidas com os alunos, professores, pais, direção, equipe técnica, supervisão de ensino e por autoridades especializadas sobre a África Negra.

A Lei Nº 10.639/2003 entre suas metas visa garantir:

[...] o direito dos negros, assim como de todos os cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino de diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnicorraciais entre eles descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade para todos, assim como é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (BRASIL, 2003, p. 11).

A discussão da questão racial no Brasil é um problema de discussão, de reflexão no meio acadêmico desde 1.822 quando se inicia o processo de se pensar a nação brasileira.

A fábula das três raças sempre foi um

Curinga para a representação da mestiçagem nacional. Uma mestiçagem que, de romântica se transforma em biológica e degenerada, para virar símbolo de cultura nacional, ícone do Estado nos anos 30, exemplo para o mundo na década de 50, e associar-se à malandragem. [...] O mestiço surge, dessa maneira, constantemente reinvestido como espaço da ambiguidade, suporte de representações (SCHWARCZ, 2018, pp. 60-61).

A carência de referências negras para a formação de crianças resultará em produção de atitudes racistas e preconceituosas pautadas nos estereótipos de raças construídos ao longo da história.

A presença e o trabalho da literatura afrobrasileira dentro da sala de aula é potente não apenas para a construção de identidade de crianças negras, mas também mostrando crianças de outras ascendências, sobretudo a branca, a naturalização de corpos negros.

Nesse sentido:

[...] ações afirmativas precisam ser implementadas pelas universidades, institutos e escolas abrindo-se assim novos territórios para práticas formativas que girem em torno da História e Cultura Africana e Indígena, relações étnicorraciais, diversidade, preservação de nosso patrimônio material e imaterial (ROCHA, 2012, pp. 98-99).

Ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos elas também têm suas estruturas psíquicas afetadas, além disso, a memória da história do nosso país não pertence somente aos negros ela pertence a todos, portanto, é preciso que todos conheçam a verdadeira história do Brasil e não, a propositalmente embranquecida.

Não basta a escola estar preenchida de livros com essa temática se não for realizado um trabalho de mediação crítica por meio dos livros. Mas, afinal como é feita a contação dessas histórias?

A forma como essas histórias são apresentadas para as crianças, assim como o lastro que é construído após a contação são aspectos tão significativos como a história em si, dessa maneira é importante e fundamental a formação de professoras e professores para que entendam, construam e se empenhem na educação antirracista.

Cabe ainda a nós uma reflexão sobre a indivisibilidade de escritoras e escritores negros para que futuros educadores, mediadores, historiadores, críticos de história para as crianças. Como tem sido a nossa formação antirracista? Quais autores e autoras negros temos estudados? Quais discussões sobre essa temática temos construído com nossos pares na Escola?

As ações afirmativas constituem-se em políticas de combate ao racismo e à discriminação racial mediante a promoção ativa da igualdade de oportunidades para todos, criando meios para que as pessoas pertencentes a grupos socialmente discriminados possam competir em mesmas condições na sociedade (MUNANGA & GOMES, 2006, p. 186).

A falta de autores e autoras negras no meio acadêmico é também consequência do branqueamento do currículo universitário, sabemos que existem excelentes textos e pesquisas sendo produzido pelo povo negro e esse, deveria ser um movimento em nome de um currículo quer ser emancipatório e que façam parte dos estudos e pesquisas na academia, assim como é incômodo o branqueamento da literatura infantil, o eurocentrismo dos currículos das universidades deve urgentemente ser discutido.

O Brasil é um país multicultural em que temos a influência da cultura afrodescendente, indígena, europeia, temos várias participações de culturas para a formação de nossa cultura, de nossa identidade, de nossa formação de povo, de nação.

[...] se evidencia quando em condições sociais dadas, de supostas qualidades entre brancos e negros, se identifica um favorecimento para um determinado grupo nos aspectos social, educacional e profissional. Fato que expressa um processo institucional de exclusão social do grupo, desconsiderando suas habilidades e conhecimentos (CAVALLEIRO, 2005, p. 26).

Os negros e os afrodescendentes tem uma participação muito forte na formação do povo brasileiro. Temos no Brasil uma diversidade muito forte e isso é perceptível na cultura, na dança, no vocabulário, na culinária, na forma de colocar diante do sagrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lei Nº 10.639/2003 torna obrigatório no Ensino Fundamental e Médio o estudo de História e Cultura Afrobrasileira, não previa o ensino da cultura indígena nas escolas brasileiras. O texto estabelece que o conteúdo programático inclua diversos aspectos da história e da cultura dos povos que formaram a população brasileira.

A nossa cultura, nossos costumes, nossas práticas estão permeados da presença de escravos negros no período da escravização, por exemplo a origem de nossa bebida, de nossa culinária, de nossa dança, no nosso vocabulário.

Quando se pensa no negro, logo se tem a ideia de escravo, ou o pior, no preconceito não se pensa na influência que nossa cultura e formação da nação brasileira graças a presença do negro e sua cultura em nosso território.

No contexto educacional, as medidas afirmativas que visam combater as desigualdades sociais brasileiras, bem como propiciar desconstruções e construções necessárias para práticas da promoção de igualdade racial.

A legislação pertinente à Educação das Relações Étnicorraciais vislumbrando mudanças de olhares e sentido novo sobre a população negra brasileira com novas abordagens históricas, sociais e culturais.

A base de tudo vem da cultura negra. Os egípcios eram negros, sem contar que o berço da humanidade está na África. A maioria dos estilos musicais vem do negro. A cultura negra é grandiosa. O Brasil foi criado por três raças o negro, o índio e o português (branco), mas só uma é ensinada na escola e pela visão do dominador, do descobridor e não pela voz silenciada dos negros.

A formação da do Estado, da Nação chamada Brasil está o negro, o indígena e o português (branco), mas a nossa base de ensino é somente português. Não deve haver competição e nem castração, exclusão ou competição das culturas, mas sim, a inclusão da cultura negra. No entanto, é lamentável que para que isso ocorra seja preciso ser promulgado uma Lei específica, isso só reforça o racismo do Brasil.

O Estado Brasileiro precisa se comprometer em efetivar as políticas públicas e as ações que imprimam novos olhares acerca da diversidade que se têm na Escola, sobretudo, na contemplação do estudo de história da cultura afrobrasileira possibilitando relações interracialis e etnorraciais saudáveis com alunos, professores, equipe técnica, direção e comunidade local.

O caráter multicultural, pluriétnico e democrático da sociedade brasileira pressupõe uma educação que reconheça, de forma positiva, a História e a Cultura Afrobrasileira de forma que sejam reparadas as castrações e injustiças praticadas ao longo de séculos para com essa cultura e esse povo que é maioria em nossa nação brasileira.

É urgente a necessidade de um ensino de História, cada vez mais, voltado para a diversidade e que incentive a inclusão das diversidades inerentes à realidade brasileira, não somente no âmbito da cultura afrobrasileira, mas que contemple a diversidade presente na Escola como as questões de gênero, ideologia e religião.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARROSO, Priscila Farfan. **Antropologia e Cultura**. Porto Alegre: SAGAH, 2017. In: FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2004.

BRASIL. **Constituição Federal [1988]**. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2002**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm) Acesso em 20 jun. 2022.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais Trabalho! A Intensificação do Labor na Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DAL ROSSO, Sadi. (Org.). **Políticas para Promoção da Igualdade Racial no Brasil**. Goiânia: FUNPE, 2017.

LAJOLO, M. **Literatura: Leitores e Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. 10. Reimp. da 34. Ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Sítio do Picapau Amarelo).

\_\_\_\_\_. **Reinações de Narizinho**. 16. Reimp. Da 48. Ed. de 1993. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MUNANGA, Kabengele. & GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006. (Coleção para Entender).

REIS, J. J.; GOMES, F. S. **Liberdade por um Fio: História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

ROCHA, Aristeu Castilhos da. **História e Cultura Afrobrasileira: Lei 10.639/2003 como Um Caminho para Formação Docente**. In: CAMARGO, Maria Aparecida Santana et al. (Org.). **Mosaico de Vivências Acadêmicas**. Cruz Alta; Santa Maria: Unicruz: Palotti, 2012.

SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. S. (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 Textos Críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.